

UM OLHAR OUTRO

Não há dúvida de que a fé dos cristãos está à prova. Sempre o esteve. Mais ainda agora numa sociedade dita da descrença. Dirigindo-me de modo especial aos crentes cristãos, importa refletir sobre o que é próprio e essencial na fé dos cristãos e, daí, passar a ver se os confrontos de hoje tocam ou não no essencial.

Ora o essencial é sempre o mesmo em todos os tempos: Cristo. Mais, ainda antes da era cristã, já Ele era o Centro: o povo de Israel viveu séculos numa peregrinação ao encontro do Messias.

Numa visão global, diremos que sempre houve um confronto entre crentes e não crentes e até na mesma pessoa sucedem-se momentos de crença e de descrença. Não estará aí a beleza do viver?

Claro que numa sociedade dita religiosa, em que o ser de Deus se dá como adquirido, os crentes têm uma vida mais fácil. E certamente mais cômoda. Não estaremos nós a pagar hoje o demasiado comodismo de outrora?

Porque tal comodismo passou, vemo-nos hoje demasiado aflitos face a tantas provações e interrogamo-nos sobre a identidade cristã e se ela ainda tem lugar na sociedade plural, materialista e consumista onde se situa a nossa vida.

Fala-se muito da Igreja. Demasiado até. E diante deste julgamento público multifacetado em que a Igreja se senta no banco dos réus, percebendo-se uma sentença condenatória pré-anunciada, ignora-se o que é essencial: Cristo. Fala-se de Igreja e não de Cristo. Se olharmos para a História, tudo isto não é novo. E conhecemos muitas outras tentativas várias vezes ensaiadas de separar Cristo da Igreja, salvando Aquele e condenando Esta. Importa que os cristãos mantenham o bom senso e cultivem o discernimento: se Cristo é o Salvador de todos, Aquele que deu origem à Igreja, sendo esta a Presença dele no mundo, não podemos separar um e Outro. A teologia diz que Cristo é a Cabeça de um Corpo que é a Igreja, ou seja, todos nós os batizados. Há interesses em separar Cristo e a Igreja, não duvidemos. Como há interesses em mostrar a «sujeira» que existe na Igreja para que esta deixe de ser o Caminho para Cristo e a Mãe que gera os cristãos.

Fazer discernimento, como a sinodalidade exige, implica conhecer e ler os sinais de cada tempo, tendo em vista o que é essencial (Cristo) e que permanece para além das vicissitudes históricas.

Por vias inquestionáveis como o acolhimento a todos, o direito de todos aos bens da salvação, infiltram-se atitudes contrárias ao evangelho e «constrói-se» «outra» Igreja, ao gosto de cada um e ao gosto de cada grupo ou tendência ideológica dominante. Sem nos darmos conta vamos reduzindo o Cristianismo a uma ideologia, esquecendo que o Cristianismo é uma Pessoa, Cristo, e que a fé nEle é geradora de uma sociedade «outra», dita baseada em valores que assentam no seu Evangelho (Disse Jesus: estais no mundo, como sal e luz, mas não sois do mundo).

É curioso que em nome da Liberdade, se destrói ou põe em causa um corpo de valores que identificam uma civilização, que as ideologias de hoje pretendem ignorar, seja na sua existência, pelo revisionismo interpretativo, seja na antropologia social que se põe em causa. Ora o Cristianismo é, foi-o sempre ao longo da História, promotor da Liberdade individual e do compromisso comunitário. E vai mais longe: o amor a Deus só é credível quando tornado amor uns aos outros. Com isto, temos as bases sólidas de um viver em harmonia e paz, no respeito de uns pelos outros. A tal «nova era» ou o «homenovo» que tanto se apregoa, desligado do passado mas concentrado em si próprio, traz enormes tensões à vida em sociedade. Não o reconhecemos?

Situando-nos na liturgia, lembramos que «ninguém pode servir a dois senhores», Deus e o dinheiro, e que «se não pegamos na cruz para seguir Jesus» não podemos dizer-nos seus discípulos...

Que Cristo seguimos nós hoje? O do evangelho, em todas as suas páginas, ou aquele que idealizamos ao gosto de cada um? Não será tempo de discernirmos, mesmo no meio de tantas dificuldades e sob pressão de ideologias ateias, que ser cristão é seguir Cristo, o verdadeiro, tal como no-lo apresenta o evangelho?

P. Abílio Cardoso

Padre António Vieira diz:
"Perguntai aos enfermos para que nasce esta Celestial Menina,
Dir-vos-ão que nasce para Senhora da Saúde;
Perguntai aos pobres, dirão que nasce para Senhora dos Remédios;
Perguntai aos desamparados, dirão que nasce para Senhora do Amparo;
Perguntai aos desconsolados, dirão que nasce para Senhora da Consolação;
Perguntai aos tristes, dirão que nasce para Senhora dos Prazeres;
Perguntai aos desesperados, dirão que nasce para Senhora da Esperança;
Os cegos dirão que nasce para Senhora da Luz;
Os discordes: para Senhora da Paz;
Os desencaminhados: para Senhora da Guia;
Os cativos: para Senhora do Livramento;
Os cercados: para Senhora da Vitória,
Dirão os pleitantes que nasce para Senhora do Bom Despacho;
Os navegantes: para Senhora da Boa Viagem;
Os temerosos da sua fortuna: para Senhora do Bom Sucesso;
Os desconfiados da vida: para Senhora da Boa Morte;
Os pecadores todos: para Senhora da Graça;
E todos os seus devotos: para Senhora da Glória,
E se todas estas vozes se unirem em uma só voz,
dirão que nasce para ser Maria e Mãe de Jesus".

Construir o futuro com os migrantes e os refugiados



MARIA IZOLETE CARMONA F. E. PEREIRA

Faleceu Maria Izoete Carmona Ferra Esteves Pereira, de 79 anos, a 18 de Setembro, ela que era viúva de Manuel Augusto da Silva Pereira. O funeral foi celebrado na quinta-feira, dia 22, com missa às 15.00 na Igreja Matriz. A missa de 7º dia foi celebrada ontem, dia 24, e a de 30º dia será a 12 de Outubro, na Igreja Matriz. Que descanse em paz.



SABIA QUE?...

- A 17 de Maio de 1991, o Episcopado de Angola visitou e celebrou na Igreja Matriz, tendo assinado o Livro de Ouro. Entre as assinaturas (10) consta a do cardeal Nascimento e a do Bispo D. Oscar Braga, já falecidos. E uma nota: «nem todos os bispos presentes assinaram o Livro de Ouro».



Construir

Boletim Paroquial de Santa Maria Maior - Barcelos

Ano XVIII - Nº 39 - 25 de Setembro de 2022

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Ricos ou pobres lázaros, temos quem nos avise

Ricos de ensinamentos, os textos bíblicos utilizados na Missa dominical nas últimas semanas, ajudam o crente de hoje a estabelecer critérios seguros de comportamento para um agir próprio de discípulo de Jesus. Se este se mostra sempre misericordioso para com o pecador, tal não quer dizer que o resultado é igual se escolhemos um caminho de identificação com o Mestre ou se, pelo contrário esquecemos o que ensina o Mestre e impomos ao Mestre o que nós pensamos.

No de hoje (Lc. 16, 19-31), Jesus deixa bem claro que «não é tudo igual», como tantas vezes ouvimos dizer, na altura da síntese da nossa vida, isto é na morte em que se realiza a justiça de Deus. A ilustração da parábola do rico avarento e do pobre Lázaro não pode ser ignorada pelos cristãos de hoje, propensos a julgar que «não vale a pena» uma vida de fé exigente em comportamentos dignos, porque «final Deus perdoa tudo».

FOI HÁ 18 ANOS

Cumprem-se amanhã, 18 anos da tomada de posse do P. Abílio como Prior de Barcelos. Foi na missa das 19.00 de domingo, 26/9/2004.

Não podemos separar o ensinamento de Jesus, lido e relido ao longo de dois mil anos, das condicionantes culturais do nosso tempo. O Papa Francisco tem-no repetido e avançado em propostas ousadas, por exemplo apelando a ultrapassar a «economia que mata», que exclui muitos e permite grandes injustiças entre os povos, uns muito ricos e outros muito pobres, numa distância que tem vindo a crescer.

Certamente que importa cruzar visões de economia mais humanistas, que tenham em conta o ensinamento da parábola. Porque não ouvir os economistas de hoje a ler e a comentar esta parábola do rico avarento e do pobre Lázaro?

Para Jesus, o pobre tem nome, é uma pessoa concreta, que está ao nosso lado, silencioso ou silenciado. O rico avarento não é nomeado na parábola. Aceitaremos substituir a expressão pelo nosso próprio nome, que, nos nossos luxos e abundâncias sempre justificados, nem temos tempo para olhar para os lázaros que nos rodeiam?

A parábola conduz-nos ao momento inevitável, o do juízo último, aquele que, ainda hoje não pode ficar alheio ao nosso quotidiano, marcado por decisões livres e (i) responsáveis. Diante do resultado final (o pobre à mesa de Abraão e o rico atormentado pelas chamas), ficamos a conhecer a revolta do rico, ruidoso no palavreado diante de um Lázaro em silêncio glorificado. Confirmamos então que «não vale tudo» nesta vida. Não será já tarde demais?

Recusando tudo ter perdido, resta-lhe uma última oportunidade de olhar para o lado, o tal lado de que nunca se deu conta, ocupado nos seus bens e vida regalada: «Tenho lá em baixo os meus irmãos... deixa Lázaro ir avisá-los...». Não só tal é impossível como desnecessário: «têm Moisés e os profetas, que os escutem...». Tarde demais.

O Prior - P. Abílio Cardoso

A G R A D E C I M E N T O

Na sua última reunião, a 22 do corrente, o Conselho Económico da Paróquia, constituído por nove elementos, decidiu por unanimidade dos presentes (apenas dois elementos estavam ausentes por razões de força maior), tornar público um sentido agradecimento a um grupo de senhoras que, desde há alguns meses, se juntam com o objetivo de dar uma limpeza geral na Igreja Matriz, seja no espaço de culto que todos utilizam (e sujam) seja nos altares em que o pó se foi acumulando ao longo dos anos, seja nas sacristias interiores, hoje bem mais funcionais. Não desejam que conste o seu nome, como compreendemos à luz do evangelho de Jesus («para não serdes vistos pelos homens»), porque «o Pai vê o que vai no coração»). Mas julgou o Conselho Económico que a sua atitude merece bem ser exaltada e é digna do apreço e gratidão de todos. Bem hajam e que Deus a todos abençoe. Também nestes trabalhos sem grande visibilidade se manifesta o amor à nossa Matriz, algo que se espera de todos os barcelenses.

A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
XXVI DOMINGO DO TEMPO COMUM

Ó minha alma, louva o Senhor

SEGUNDA, 26 – S. COSME E S. DAMIÃO

Leituras: Job 1, 6-22; Lc 9, 46-50

09.00 (Senhor da Cruz): Maria Adelaide Leal Maucília

15.30 (Terço): Em honra de S. Bento

19.00 (Matriz):

TERÇA, 27 – S. VICENTE DE PAULO

Leituras: Job 3, 1-3. 11-17. 20-23
Lc 9, 51-56

09.00 (Senhor da Cruz): Maria do Rosário Pereira

19.00 (Matriz): Francisco Silva Martins (2º aniv.)

**QUARTA, 28 – S. VENCESLAU,
SS. LOURENÇO RUIZ E COMPANHEIROS**

Leituras: Job 9, 1-12. 14-16
Lc 9, 57-62

09.00 (Senhor da Cruz): Dinis Augusto Rodrigues

15.30 (Terço – Intenções colectivas):

– Pelos irmãos, vivos e falecidos, da Confraria do Terço

– Em honra de S. Bento

19.00 (Matriz): Maria Teresa Fernandes Pereira

(aniv. nascimento)

**QUINTA, 29 – S. MIGUEL, S. GABRIEL
E S. RAFAEL**

Leituras: Dan 7, 9-10. 13-14
Jo 1, 47-51

08.00 (São José): Ana da Costa Araújo e familiares

09.00 (Senhor da Cruz): Joaquim da Cruz Sousa D. Sen-
ra, esposa, filha e genro

15.30 (Terço): Em honra de S. Judas Tadeu

19.00 (Matriz – Intenções colectivas):

– Henrique da Silva Mota Faria

– Aurora Lemos Rodrigues da Silva

– Manuel Mota de Sousa (7º dia)

SEXTA, 30 – S. JERÓNIMO

Leituras: Job 38, 1. 12-21
Lc 10, 13-16

09.00 (Senhor da Cruz – Intenções colectivas):

– Maria Teresa Pereira

– David Fernando Azevedo, esposa e familiares

15.30 (Terço): Augusto Dias Salgueiro, esposa e família

19.00 (Matriz): Paula Maria Lopes Lourenço

SÁBADO, 1 – S. TERESA DO MENINO JESUS

Leituras: Job 42, 1-3. 5-6. 12-16; Lc 10, 17-24

09.00 (Senhor da Cruz): Em acção de graças ao Senhor da Cruz

17.30 (São José): Maria Conceição Monteiro Soares, marido e filhos

19.00 (Matriz – Intenções colectivas):

– António Meira e Otilia Pilar

– Artur Domingos Silva Carvalho

DOMINGO, 2 – XXVII DO TEMPO COMUM

Leituras: Heb 1, 2-3; 2-4; 2 Tim 6-8. 13-14; Lc 17, 5-10

09.00 (Senhor da Cruz): Albertina da Costa Martins e marido

11.00 (Matriz): Pelo povo

12.15 (Senhor da Cruz): Irmãos da Real Irmandade

15.30 (Terço): Manuel Monteiro da Mota

19.00 (Matriz): Pelos irmãos, vivos e falecidos,
da Confraria do Santíssimo Sacramento

E A «INDÚSTRIA DO SILÊNCIO?»

1. Tal como a música, a vida também precisa de pausa. À semelhança do som contínuo que satura, também a actividade incessante exaure. E corre o risco de (nos) esgotar.

Acontece que nós deixamos de conseguir viver em «modo de pausa». Nem nas férias – ou nas festas – serenamos. Até nas férias – e nas festas – corremos, exasperamos e gritamos. Mudamos de rotinas. Mas será que mudamos de atitude?

2. Sendo o ruído uma das enfermidades do nosso tempo – assim o notou, entre outros, Javier Aranguren –, repare-se no que se investe na «indústria do ruído».

Multidões flamejantes demandam, noites a eito, concertos onde o ruído atinge níveis dificilmente mensuráveis.

3. Acresce que os custos desta «indústria do ruído» são de veras exorbitantes. E, não obstante, não há local – desde a urbe mais populosa até à serra mais despovoada – que não promova as suas diversões rijamente orçamentadas.

Pela amostra, o povo sente-se feliz. Muitos são capazes de enfrentar, sucessivamente, noites inteiras embalados com o ruído trepidante que vem dos palcos.

4. Que se segue, entretanto, quando desponta o raiar do dia? Olhares pesados de sonolência, passos afectados pela ingestão de bebidas com alto teor etílico, horas intermináveis a dormir, entre a indisposição e a moleza. Até à próxima noite de euforia...

5. Eis para onde nos leva a dispendiosa «indústria do ruído»: para uma «felicidade de curta duração». No fundo, as pessoas nunca estão satisfeitas; há sempre um esgar de frus-

tração, entremeado por vezes de gestos violentos.

6. É verdade que, para a maioria, parece despropositado apostar na «indústria do silêncio».

Curiosamente, a etimologia de «indústria» até remete para a interioridade: «indu» (dentro)+«struere» (construir). A «indústria» será, pois, o que se constrói «por dentro».

7. Eduardo Lourenço concebia a própria música como o «silêncio escutado».

Daí o encanto pela melodia e apreço pela mensagem. O que supera – diria infinitamente – o estrépito atordoante do ruído.

8. Não estará na hora de sermos mais imaginativos? E de percebermos – como percebeu Kankio Tannier – que é sadio «escutar o silêncio, a calma na tempestade, a passagem do tempo, o sabor de um instante, o fumar de um prato, o contacto das mãos e o coração que bate?»

9. Não questionamos que «o silêncio é de ouro», mas, pelos vistos, fugimos dele a toda a pressa. Para Pascal, o que nos torna infelizes é não repousar.

Afinal, a nossa infelicidade pode estripar aqui: não sabemos estar tranquilamente sentados, entre amigos, sem olhar constantemente para o relógio.

10. Haverá festa mais bela do que esta? Até pode haver um leve rumor musical, a ambientar os espaços e a aquietar o coração.

Não deixemos de andar nem de agir. Mas reaprendamos a olhar, a acolher e – também – a calar!

João António Pinheiro Teixeira, In DM 20.09.2022

CONVÍVIO DE PEREGRINOS - O grupo dos que peregrinaram na Terra Santa, de 16 a 24 de Agosto, vão voltar a reunir-se em convívio para apreciarem o filme da peregrinação. Será no próximo sábado às 19.00, com a Missa a preceder o jantar.

OUTUBRO COMO MÊS MISSIONÁRIO. Durante o mês de Outubro, somos convidados a rezar mais intensamente pela Igreja missionária e a aprofundar a nossa vocação como discípulos missionários, através da leitura da imprensa missionária e de outros subsídios.

COLECTA DO DIA MUNDIAL DAS MISSÕES - O ponto alto do mês de Outubro é a celebração do Dia Mundial das Missões no dia 23, em geral precedido de uma Vigília Missionária. Nesse fim-de-semana, a colecta destina-se "ao Fundo de Solidariedade Universal com que o Papa sustenta a actividade missionária" (Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial das Missões). É com esse fundo que se ajudam regularmente 939 dioceses (a ter esquemas de saúde para o clero, a pagar as pensões de muitos dos seus bispos eméritos, a manter as estruturas diocesanas e outras necessidades que seria difícil serem apoiadas por outras entidades), e se apoia a formação de catequistas, as obras apostólicas e sociais, os mass media, as escolas, os colégios e as universidades (inclusive os seis colégios romanos a cargo da Propagação da Fé), a construção de igrejas e capelas e a compra de meios de transporte, algumas nunciaturas apostólicas, entre outras coisas.

MÊS DO ROSÁRIO EM SÃO BENTO DA BURAQUINHA - A começar na segunda, dia 3, e a terminar no sábado, dia 15, será rezado o terço às 10.00 na capela de S. Bento da Buraquinha.

As Jornadas Nacionais de Catequistas 2022 decorrerão a 22 e 23 de outubro e terão como tema "A identidade da catequese no Diretório" e como referência bíblica «Que Deus abra uma porta à nossa pregação» (Col 4, 3).

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Família n.º 288 – 5,00
- Família n.º 660 – 5,00
- Família n.º 132 – 20,00
- Família n.º 565 – 25,00

TOTAL DA SEMANA – 55,00 euros

A transportar: 28.891,75 euros
Despesas até agora: 37.694,77 euros

DECÁLOGO PARA A PREPARAÇÃO PARA O MATRIMÓNIO

1 – A finalidade da preparação matrimonial na Igreja é a santidade conjugal: formar matrimónios capazes de evangelizar a nossa sociedade.

2 – A graça do sacramento leva os esposos a tomar consciência da presença efectiva de Cristo na sua comunhão de vida conjugal e de amor.

3 – A grandeza da vocação dos esposos cristãos exige um trabalho eclesial sério e prolongado, com uma proposta formativa atraente, abrangente, profunda e intensa.

4 – O caminho próprio para desenvolver um matrimónio cristão é um "catecumenado" ou itinerário de fé, no qual os futuros esposos aceitam o dom divino e assumem o protagonismo no seu processo de preparação, guiados e acompanhados pelos párocos e por outros membros da Igreja devidamente preparados.

5 – A formação para o amor esponsal maduro envolve um processo de formação contínua, em várias fases:

desde a preparação remota na infância e juventude (na família, paróquia, escola, movimentos e grupos eclesiais), à próxima e imediata à celebração do sacramento (de pelo menos um curso de duração), que continuará depois da contração do sacramento na vida conjugal (especialmente nos primeiros anos).

6 – A Igreja deve instruir e estar próxima do casal no caminho do matrimónio, com um estilo positivo, encorajador e testemunhal de confiança e diálogo sincero; é necessária também a oração pessoal e comunitária, com a oportuna celebração sacramental da Eucaristia e da Reconciliação. Deste modo, os futuros esposos poderão acolher com esperança o Evangelho do matrimónio e da família e vivê-lo na comunidade eclesial.

7 – A boa notícia do matrimónio cristão deve ser transmitida num processo gradual de purificação e crescimento, com misericórdia e prudência. Desta forma, os candidatos ao estado matrimonial poderão assimilar a bênção do sacramento, superando eventuais deficiências e limitações pessoais com a ajuda adequada, e melhorando a comunicação do casal.

8 – Deve assegurar-se que o casal compreenda o sentido, os propósitos, as características e os bens do matrimónio segundo o plano divino da criação e da redenção. Então poderão escolhê-lo de forma consciente e madura, num exercício de reflexão e discernimento, evitando a confusão cultural de algumas ideologias erróneas generalizadas.

9 – A educação afectivo-sexual do coração através da virtude humana e cristã da castidade, aliada ao amor, bem

Os dias em que os santos não bastam

Há dias em que os padroeiros e os santos já não nos bastam. Então, devemos nos encorajar, para valer. E nos dirigir, directamente, àquela que está acima de tudo. Devemos ser ousados, audaciosos. Pelo menos uma vez...

Dirigir-se, corajosa e audaciosamente àquela que é infinitamente bela, porque ela é, igualmente, infinitamente boa. Ela é aquela que intercede. A única que pode falar com a autoridade de mãe.

Dirigir-se, ousadamente, àquela que é infinitamente pura, porque ela é, igualmente, infinitamente meiga...

Aquela que é infinitamente nobre. Porque ela é, também, infinitamente gentil, infinitamente acolhedora. Acolhedora como o sacerdote que, no portal da igreja, vai até o recém-nascido, até o princípio, ou seja, no dia do seu batismo, para introduzi-lo à casa de Deus.

Aquela que é a mãe e a rainha dos anjos. Porque ela é, da mesma forma, a mãe e a rainha dos homens.

Aquela que é infinitamente feliz, porque ela é, igualmente, infinitamente dolorosa. Setenta e sete vezes setenta, dolorosa. Aquela que é infinitamente sensível, porque é, também, infinitamente sensibilizada. Aquela que é toda Grandeza e toda Fé, porque é, ao mesmo tempo, toda Caridade. Aquela que é toda Fé e toda Caridade, porque é, também, toda Esperança.

Aquela que é Maria. Porque ela é cheia de graça. Aquela que é cheia de graça. Porque ela está convosco. Aquela que está convosco. Porque o Senhor está com ela.

Charles Péguy (França 1873-1914),
Trecho de *Le Porche du Mystère de la deuxième vertu (O Pórtico do mistério da segunda virtude)*,
In *Um minuto com Maria*, 2/9/2022

como a explicação fundamentada da doutrina da procriação responsável, permitirão compreender e assumir com alegria a beleza do significado do corpo humano na sua masculinidade e feminilidade como apelo à comunhão interpessoal.

10 – A preparação e o acompanhamento eclesial de modo adequado e permanente é garantia do cumprimento da promessa divina inscrita na vocação conjugal. Deste modo, a aliança conjugal poderá frutificar na fecunda alegria dos lares cristãos, para a glória de Deus e a extensão do Seu reino no nosso mundo. Artigo de José Miguel Granados, publicado em Omnes a 20 de Julho de 2022. <https://www.diocese-braga.pt/revista-imprensainternacional/noticia/34355/>